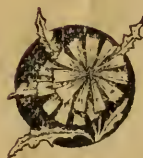
Guedes Teixeira
Alexandre Braga, filho

INSULTOS

Critica de coisas portuguezas

Coimbra
—
1894

Typographia Operaria

INSULTOS

(AOS QUE LEREM)

A palavra ahi fica, e, rasgando em tôrno um circulo de isolamento, dá-nos o orgulho de nos sentirmos sós.

De tão longe vem o nosso espirito que para chegar á vida uma fadiga o prostrou: — mergulhadores num mar desconhecido, os nossos olhos, acostumados á agua deformadora das chimeras, não podem vêr sem odio a face traiçoeira dos homens.

Nesta hora amarga de civilisação que passa uma visão de sangue ennubla a vista de todos os que têm no coração um grito suffocado de revolta.

E' para os que soffrem, em todas as noites de iniquidade, um infindavel tormento de miserias e dôres, para os crucificados na lucta ingloria do viver, para os que têm uma blasplemia na bocca sem pão e uma ameaça nos pulsos algemados, que estas paginas vão abrir-se acolhedoras e amigas, ungidas de perdão e de piedade; mas para aquelles que vão fitando, olhar dilatado em ancia, um predominio a attingir, para aquelles que caminham, aggressivos, egoistas, triumphantes, por sobre os humildes e por sobre os justos, para aquelles que sobem, sem uma hesitação e sem um remorso, a estrada facil que conduz a todo o crime legal, sempre estas paginas hão de ser insultuosas, porque sempre a Justiça ha de ser ultrajante.

Desdobrar-lhes a alma é, em cada consciencia, abrir-lhes um presidio, e — perdoado nos seja o crime — dizer-lhes a verdade é quasi maculal-a.

A Academia de Coimbra

O estudante de Coimbra representa, por via de regra, um erro de acaso, cuja responsabilidade cabe á selecção natural que o não fez quadrupede.

De facto, partidos dos mil recantos do paiz onde a vaidade da carta assegura futuros, todos os nullos de cerebro, incapazes de romperem, triumphantes, na vida sem o amparo official do diploma, veem por ahi fóra, paiz através, engrossando a enxurreira que desagua aqui.

De acreditar era que, na agoa tumultuosa da ambição, carreando detritos, algum pedaço d'alma ingenua e portugueza apparecesse, rasgando, pela sua superio-

ridade um circulo de pureza no meio de toda a inferioridade dos mais.

Amarga illusão!...

Tudo o que ainda resta de sympathico e bom nesta nacionalidade extincta, toda a alma capaz de sentir a nausea d'esta maré cheia de vileza, de cuspir um desprezo ou morder numa maldição, essa não vem ahi, caminho abaixo da aventura, a agachar-se na capa,—essa lá fica, no recanto de paz em que se esquece, d'olhos parados n'um assombro indifferente para a vida e caminho traçado numa ancia para a morte, unica fuga gloriosa de vencidos.

Os raros que ahi chegam com a alma em folha, e uma rajada de justiça a tempestuar-lhes o cerebro, cedo despertam do somnambulismo da crença, e, pulsos quebrados para um esforço de redempção, fogem da vida; os outros, os audaciosos, cinco annos passados de imbecilidade e de baixeza, ide vel-os alli, naquelle esgoto que se chama o paiz, a chafurdar.

Mas, porque ainda vive, na ingenua phantasia do nosso povo, uma lenda prestigiosa e doirada que cinge a capa do academico num ar de sympathia e quasi de

esperança, é dever d'aquelles que não atraiçoam a voz numa mentira, nem calam a verdade numa cobardia, dizer bem alto aos illudidos que a sua ingenuidade foi atraiçoada, e que a terra que calcou a geração d'outras eras só floriu de embusteiros.

* * *

Formada, como já o dissemos, por diversissimos elementos de acaso, a Academia de Coimbra, (e, com ella, todas as academias do paiz) representa, como grupo, uma accumulação de imbecilidade anonyma. Por mais ousada que a affirmativa pareça, por mais paradoxal que se affigure esta coexistencia da vida intellectual d'um povo com a profunda e estagnada estupidez da quasi totalidade dos elementos que a formam, facil é encontrar os argumentos de prova que, conjunctos, estabeleçam a indiscutivel e vergonhosa verdade.

E assim — cumpra-se o dever e fique-se tranquillo — temos de face a repugnante tarefa.

* * *

Da porta ferrea á recita do quinto anno corre um espaço complicado de formulas e velhas praxes jesuiticas, verdadeiro labyrintho ascendente para a subjeição e para a perversidade:—chegado a Coimbra, e dado o primeiro passo na vida de estudante, aquelle que o faz tem de esquecêr a sua dignidade de homem e acostumar-se a curvar submissamente a cabeça perante a imposição cobarde d'uma maioria de cretinos. A primeira infamia é a que se pratica alli, á porta ferrea, em obediencia á formula que manda receber a coices os que chegam: — primeiro passo para lacaio — a subjeição ás ordens do senhor. E, de par com essa inacreditavel selvageria de intellectuaes, um torpe e mesquinho instincto de vingança leva os que entraram alli sob o chicote do ultraje a pagarem com usura aos que chegam depois, a sua divida de vergonha, complicada de rancores. Raro é aquelle que morde a mão que o chicoteia, mais raro ainda o que se abstem de fazer pagar co-

bardemente a affronta aos que não lh'a cuspiram.

Dir-se-hia ao ver essa inqualificavel lucta de indignidade, que alli não ha duas mãos capazes de se apertarem, duas vozes que possam dizer-se amigas; mas — que illusão! — é d'alli, d'aquelle montão de capas enodoadas, que vae sahir a affirmação d'um generoso principio: — a solidariedade da classe... e ficam solidarios, os farçantes!

Da porta ferrea — a vergonha moral — até á aula — a vergonha intellectual — vae um periodo de iniciação na baixa intriga. Insulto á cathedra — é o grito d'essa anonyma e systhematica guerra de injuria ao lente, travada pelo duplo instincto de cabulas e diffamadores. Como protesto contra o auctoritarismo intolerante da cathedra só a expressão d'uma nobre revolta de independencia, ou a affirmação rude d'uma intellectualidade que se sente robusta, podia conquistar a sympathia de todos. Mas onde estão aquelles que tenham a leal coragem de affirmar, numa imperturbavel attitude de dignidade, a dignidade do seu caracter? Os mais, os anonymos insultadores, baba-

dos de servilismo, chagados de hypocrisias, é vel-os agachar a injuria numa cobardia, e serem humildes, rastejantes, mendigos, na aula onde o seu espirito incondiccionalmente se ajusta ao pensar que vem d'alto, cá fóra, na ante-camara do interesse, debruçados no ouvido da intriga, segredando delacções para evitarem a responsabilidade de cumplices.

Afóra umas isoladas manifestações de pretendida vida intellectual pela Arte — *coteries* litterarias, infantís e sem originalidade, degladiando-se em estereis e insipidas discussões de café — exceptuada a grita d'uma incerta e voluvel politica que divide grupos, esquecidas, por incaracteristicas de mocidade espontanea — sabido como a subjeição á formula actua—as *troupes* de operetta aos *caloiros* e aos gatos, e varrida da emoção em que não deixou sulcos a — já agora agonisante — lendaria bohemia coimbrã, nada mais se encontra que accentue uma feição original de vida..

Assim, os cinco annos vão passando, e não ha mão que se aperte que não traga ainda o tremor da insidia que nos mordeu,

nem bocca que nos falle que não venha babada da inveja que nos abocanhou.

Rude aprendizagem para a vida é esta; e, conseguida a ambicionada carta de passe para a nullidade, quando os outros — os que não sabem vêr — julgam que vae chegar o momento de saudade em que a ultima vez as mãos se apertam na partida para a lucta, mais um esforço ainda, e tenha-se o descaro de ir por ahi fóra, pelos palcos do paiz, a mastigar sandices, e a enxovalhar de comedia essa nobre tragedia da amizade. Pretexto apenas para mostrar a pasta entre bandeiras e heras enxovalhadas, momento unico a aproveitar na condescendencia dos mais, hora isolada de descaro impune, a recita que fecha a vida de estudante, alinhavada de miserias e cuspida de submissões, corta um parenthesis burlesco e odioso nessa inutil e desprezivel existencia de irracionaes de capa.

E fica a gente hesitante a olhar os cynicos e perguntando se aquella farça como que se deixa um passado de vergonha, será tambem o primeiro passo para a vida da farçada.

* * *

Como ha de esperar-se que d'aqui surjam as almas de predestinados para a lucta, como ha de crêr-se que, d'entre toda essa turba de esfomeados, rompam os apostolos que a nacionalidade procura, neste fim de seculo de crime, por todas as encrusilhadas da traição?

Sabemos que para haver a fria coragem de sacrificar a vida — desejos, ambições, sonhos, affectos, interesses — para cruzar bem firmemente os braços no alto d'uma barricada de desprezo, é preciso ter um coração de martyr e beber, desde o berço, o leite amargo da abnegação; que poucos são os eleitos, que, d'entre os novos, serão grandes aquelles que ergam nas mãos immaculadas a bandeira d'uma fatal e desconhecida revolta; — quem o duvida? — mas que tudo se afunde na universal baixeza, que em todos os corações de vinte annos não haja um grito discordante de vingança e d'odio, é o que punge, e afflige, e faz ter lagrimas nos olhos.

*
* *

Que aquelles que não têm olhos abertos para a verdade, os illudidos, os piedosos, os condescendentes, que aquelles que buscam, ou no fundo da sua mystificada sympathia pelos novos, ou na ancia interesseira de conquistar affeições, uma palavra de generosidade para elles, que esses, os ingenuos, os bondosos ou os cynicos, continuem a chamar-lhes creanças...

Eu chamo-lhes bandalhos.

Moral d'um libertino

Chegou o inverno; abriram-se os salões. E entre requebros ignominiosos de leque numa pose sabida e imbecilidades coradas nos labios de farrapos de quem veste sedas, a vida continuará a desdobrar-se, hoje mais que hontem, cheia de veludos e de podridões, por esse largo meio, restricto de principios e acanhado de consciencias, creado na artificialidade d'uma existencia que seria futil, se não fosse absolutamente perversa.

Chove. E a esta hora — noite escurissima — para além dos bicos de gaz que ensanguentam as primeiras nevoas, muitas almas se amontoam, atraiçoando-se na co-

vardia dos peitos que se não abrem, a calcar consciencias e tapetes na exhibição elastica d'uma alegria flagrantemente hypocrita. Corpos enfronhados em custosos pannos, prescripto o talhe no capricho importado das cocottes, quem alli vae apertar-se nas quatro paredes d'um salão leva, com o direito de espolinhar-se na obrigação de ser alegre, as obscenidades caiadas e as gargalhadas dos alcoices, bem aberto o campo para a sua immoralidade se estadear a coberto na dissolução ultima d'um seculo de chagas. E no pretexto de uma dansa monotona, ou no pesado grotesco d'uma estupida conversa, eu tenho o direito de enxovalhar carnes, de insultar mulheres, dada toda a redea á minha animalidade e no applauso de todos, que tudo admittem para que tudo lhes seja admittido nos seus instinctos communs e perversidade egual.

Preceitos nascem; estabelecem-se normas, e mascarram-se sentimentos, perdendo-se o direito de chicotear uma ignominia, porque é uma *indelicadeza*, sem o alevantado d'uma sinceridade, porque seria uma censura, quebrados braços e consciencias, no abandono repugnante d'um syphilitico

que, vendo tudo podre, na uniformidade da lama pudesse considerar-se um são. E, desde a mulher que vae passar de braço em braço para se vender pelo dote, ou negociar a sua formosura, até á que alli prostitue, arrastada na lama commum, a ultima virtude, tudo se alastra numa grande infamia, consciente e consentida, sob a luz d'um mau gaz que estraga os olhos e uma atmosphera que toda nos toma os pulmões da sua peste. Da vida de familia, da vida tranquilla e austera dos lares antigos, de onde sahiu toda a nossa velha alma portugueza, faz-se hoje uma escola, uma aprendizagem de salão, tudo se estudando para tudo se exhibir, nessa grande lucta de corpos em contacto; ensinando-se processos, não fortalecendo sentimentos; esmigalhando instinctos para entorpecer virtudes.

E, quando alguem, muito conscio da lama para que se atire a ella, estimando-se muito para que vá arder toda a sua grande vontade de ser honesto na corrupção pestilente d'esse meio, se concentra no conforto socegado e tranquillo d'um lar amigo, entre arvores que não mentem e raios de sol que nos não calumniam, ha sempre insul-

tos, a estoirar nas boccas d'esses, para lhe atirarem de emboscada ao cortado circulo de inveja em que se criam todos os grandes.

Sem me servir das vergonhas de todos os dias,—para não fazer da honestidade d'esta pagina uma estatistica de prostituição—e não marcando a lamina que possa rasgar taes cancros, dá-me esse amontoado de vicios, olhados a distancia e no conjuncto, a larga ideia da podridão estranha que por ahi fermenta sobre a grande alma quasi perdida d'esta grande nacionalidade morta. Torcidos, desarticulados pela educação no egoismo dos que nos querem tornar eguaes a elles, quebrando-nos o mais fino da nossa individualidade, pondo-nos, no logar do instincto generoso das edades tenras, regrados preconceitos achados por elles n'uma vida de subjeição e de coherencia algemante, não podiamos deixar de ser, na vida para que essa aprendizagem nos broquela, o que somos em toda a nossa torpeza egoista e em toda a lama evidente da nossa alma. Vicios de sangue e absurdos de educação —todas as miserias e todas as torpezas— se desenrolam por uma larga conveniencia

estipulada desde o berço em que nos rodeiam de creanças pobres vestindo-nos de sedas, na affirmação aceite d'uma vergonhosa desegualdade occasional, até que nos ensinam a subir de joelhos e a vergar a cabeça para passar portas baixas da vida, como se nessas saliencias de existencia não tivessemos a obrigação de a cortar.

Escancararam-se as portas doiradas dos salões nobres; rangem as sedas arranhadas por mãos cuspidas; embaciam-se espelhos antigos nas suas curvaturas orgulhosas; e em cada creança treme um ladrão embryonario; em cada velho córa um pedaço de tradição enlameada. E como ha de ser grande um paiz que não tem lares: onde a dissolução se bebe com o leite e onde não ha corpos para fazer soldados, nem consciencias para firmar convicções?! Tudo tomba; tudo tomba: — derrocada tremenda! E inutil todo o esforço, sem consequencias toda a boa altivez dos que ainda querem, o nosso grito não passará além das nossas consciencias, firmando apenas para raras almas, vontades dissipadas de illusorias resurreições. E, quando agonias multiplas de miserias tremendas não teem co-

rações para aninhar-se, nem espiritos para se erguerem, tudo é baldado na lama que tudo submerge por uma existencia que tudo infecciona. Protestos que se levantem terão do publico cujas carnes vergastem vaias por premio e por incentivo odios.

Que importa? Nesta liquidação todo o homem que se revolta é um soldado que entra em fogo; cada pedrada dos miseraveis dá-nos o orgulho d'uma cicatriz.

Ha peitos onde os escarros são diplomas de virtudes; mas ha commendas que são escarros sobre os peitos. Que a todos vise o nosso odio e o nosso insulto tenha a larga amplitude de todo o meio, na estertorisação ultima de um anniquilamento irremediavel.

E, como visão suprema sobre o desmoronamento d'esta raça vencida, entra-me na alma, cheio de genio, o rigor torturado d'uma grande agonia desfraldada em vôos largos de sombra... São os ultimos poetas, os ultimos artistas, os restos da nossa grande alma portugueza, que se perfilam
nas tellas de Columbano a atirarem-nos montanhas para os olharmos e a rasgarem-nos no coração escadas para as subirmos.

E, arrastado na pressão calida d'aquelle pincel embebido em sangue para qualquer cousa de supremo que me toma bem a alma e que me enche bem de luz, eu julgo ouvir, n'essa alvorada de tintas, o ultimo grito da alma portugueza, como um requiem tocado em clarins sobre a grande intellectualidade perdida d'uma raça.

A Academia Real

Uma Academia é sempre conservadora: o conservantismo é uma estagnação.

E, porque detesto as aguas mortas dos lagos e amo os rios anciosos e destemidos no seu grande luctar incessante e sinuoso, eu quero a vida rasgada e ampla, sem comboios nem paragens, bem ao alcance de toda a grande incoherencia da vida moderna no temperamento anormal de cada um e no sentir distincto de cada alma isolada. Não se marcam horisontes aos espiritos nem se determina á alma o rigor logico da sua acção. Arderam-se sempre nas Paysagens grandes accidentes decorativos; sempre se entorpeceram em linhas destemidas de phy-

sionomia os grandes marmores; enxovalharam-se nos mesmos poentes aureolados e explosivos as almas dominantes dos grandes seculos; mas tudo no acaso de vidas irregulares e antagonicas a tomal-os numa rubra existencia arquejante de soluços, sem limites para o vôo nem determinantes para a irradiação larga das suas diversas almas.

Querer a luz plena e egual no conjuncto de luzes diversas é querer qualquer coisa que não é luz nem sombra, onde tudo se perde e se constrange nas gargalheiras inquisitoriaes das collectividades e effeitos mediocremente eguaes que traz toda a uniformidade.

Que importa que o grito seja mais unisono, se elle é, por isso mesmo, incaracteristico? E o espirito mais uniforme, se elle, por isso mesmo, deixa de ser espirito? Tanto mais que não ha alli a intenção perdoavel, embora absurda, de reunir espiritos d'uma dada altura. Ha a vaidade dos que não podem; o egoismo dos que não querem.

Não é um inquerito vivo do talento e do saber d'uma epocha; é a estupida consagração de inutilidades, por egoismo ou por compadrio, como um grande tumulo

onde fossem enterrar-se para viverem nas letras humidas das lapides aquelles que não deixaram uma pagina para ir morrer a seculos de distancia entre as mãos febrís d'algum coração que a amarrote ou d'algum espirito que os chore. Os que para alli entram, salvo um ou outro luminoso espirito que, cheio de condescendencia, lhes cede um pouco do seu fulgor, resignando-se ao attrito da sua sombra, são apenas os ambiciosos inuteis ou os fatigados malandros d'obras mortas, anciosos do degrau da cathegoria e das mal alinhavadas apparencias da imposição. Centos de nomes podiam escorregar-me agora da penna cheia da verdade das minhas affirmações, se eu não temesse misturar ao clarão do meu convencimento negruras que, applicaveis embora, podiam denotar na sua pessoalidade intenções alheias ao nosso caminho.

Reflexões ahi ficam ennodoadas da sombra da nossa condescendencia. Abram-se os olhos; puxemo-nos, sem restricções, a uma grande sinceridade, e as illacções serão rapidas e claras. E o velho casarão, cachetico e bandalho, lá vae abarrotado de sabios e litteratos de cordel, atravez d'uma orgulhosa vida malhada nos marmo-

res dos cafés e empiteirada da semsaboria dos indifferentes.

E vão lá dizer-lhes, vão lá dizer-lhes que não valem; que os seus livros diminutos são manifestações enfermas de velhos cerebros ferrugentos e as suas sessões cheias de continencias e vergaturas o attestado idiota do caruncho das suas cadeiras. Vão lá dizer-lh'o, a elles que não comprehendem a nobreza altiva da grande obra ignorada...

A gloria intensa e original das grandes obras não precisou nunca de restricções d'espaço para se fixar, nem ellas das agglomerações de ouvidos para serem escutadas. Só na liberdade do isolamento de cada um — altas e baixas de vida, riscadas d'incidentes, palpadas d'alma — mãos sempre para o existente ou para o sonhado, na tentativa d'um problema ou na suggestão larga d'uma extranha sensibilidade, é que se viveram todos esses grandes livros que nos olham, sem olhos emprestados e por olhos proprios, muito honrados nas suas capas, sem mechanismos d'imposição.

Tropeçando-se na Vida, tenha-se a superioridade responsavel da queda: se

vencermos, estadeemos o orgulho de escondermo-nos. Não se salva uma obra nas scintillações vestidas d'uma farda, nem se ajustam as palmas ás grandes cabeças dominantes.

O momento é nada; é tudo a extensão de seculos. E que importa ámanhã a imposição das agglomerações de hoje, os gritos collectivos de victoria, os nomes thuribulados, se cada epocha, sem ouvidos para esses rumores minimos, tem no seu coração e no seu espirito elementos proprios de apreciação que não cede e se não confundem, e cada povo torce sempre, em si e por si, a verdade que só dá a distancia, na rigorosa imparcialidade franca do seu severo julgamento. Não queremos ver homens debruçados em obras; queremos grandes obras que escondam os homens. E que se arrastem cá para fóra, que se embrulhem cheios de vontade no isolamento bem povoado de cada um, fugindo para sempre d'esse esgoto, que, no insulto d'um premio, pensou constituir-se ainda em throno aos que trabalham.

Miseravel gloria! triste altura dos que a Vida dotou, na sua flagrante desegualda-

de, com mais um pedaço d'alma, mais largas azas para o espirito ou mais desequilibrios de temperamento!

Que tombem, que tombem, com a guilhotina, as ultimas escadas: — o Codigo Penal é uma estreita consciencia bolorenta; abramos as almas nos seus perpetuos dias claros...

E desenganemo-nos: a gente só é grande, quando, deixando para traz qualquer coisa de luminoso, encara destemidamente a sombra.

VIANNA DA MOTTA

A philantropica dava um concerto. Vinha ahi o Vianna da Motta. E porque era vespera de feriado e havia mulheres e luzes, numa grande distracção promettida de horas alegres, a indifferença do publico lá foi roçar-se até ao Circo, a amarrotar-lhe as cadeiras com as suas capas sujas.

Entramos tarde. Muita gente na plateia, os camarotes todos tomados, mulheres estupidas e homens alarves, bocejos e olhares cançados, tudo isso ia rolando de enxurrada por palmas de favor atravez da execução altissima de magistraes pedaços de musica. E, no seu conhecido sorriso

alvar, a Academia lá era, de perna traçada, poses de cocotte, a vomitar chalaças brejeiras de tasca, o ultimo copo de verdasco a apertar-lhe a voz em rouquidão. Incapazes de justiça e sem um grito de sinceridade arrancado em manifestos impulsos de grandeza, Vianna da Motta teria sahido de Coimbra sem uma manifestação de verdadadeiro preito, se meia duzia de almas raras não tivessem coberto, com intensidades de enthusiasmos e alevantados desejos de culto, a gelada atmosphera pesada d'aquella hora de abatimento.

Sem gloria para os que a fizeram, não tenho escarros para os outros: o nosso publico fez a Vianna da Motta a manifestação que eu, como artista, mais ambicionaria d'elle — o silencio estupido do ignorante que não comprehende, o olhar que se perde em myopia pela altura.

Vianna da Motta é um grande artista. Com muita execução e elevado sentimento, tanto para cores e relevos como para estados flagrantes de alma e destemidos vôos de emoção, a *sua* grande musica feita de pequenos motivos tem o encanto d'uma composição lyrica de Baudelaire, trabalhada

em finissimas rendas e subitos relampagos de alevantada originalidade. E muito portuguez aquelle temperamento, um mundo de harmonias no alcance dos seus dedos nervosos, todo um ceu dentro da alma, e um grande canto bem aberto em toda a magia elastica das suas notas, choram-se boas lagrimas no abraço d'aquelle grande talento, e na effusão amiga d'aquelle grande coração soberanamente humilde. Oiro mais puro não o ha nas almas. Assim o pensei de prompto ao escutal-o, e isto me contenta por dizel-o.

Assumpto de mais largo artigo que não de notas simples e ao acaso, apontoadas ainda na fadiga d'uma noite, apenas deixo aqui, com o nome d'elle, o rapido signal do meu enthusiasmo. Enthusiasmo immenso, admiração profundissima, toda a minha alma se sentiu tremer no balanço dos seus dedos, perdendo-se, no esquecimento subito e momentaneo das suas agonias, pela larga emoção rasgada d'esse coração de verdadeiro artista, que nos enchia o peito de ensanguentados poentes e acariciadores crepusculos nevoentos de imperturbaveis saudades...

E tudo alli brincava um grande riso polvilhado de sentimentos ingenuos e lavados, em que havia vozes de creanças e olhares de mulher amada, muito amada, com soturnas noites vividas por lagrimas e lagrimas mastigadas em duras solidões de perturbadoras chimeras derruidas.

E quando ha uma hora, pela madrugada, meu querido Poeta — porque o és e bem d'alma — o nosso abraço ultimo nos tomou numa grande amizade indissoluvel e sem treguas, sem que pensasse na minha distancia e não vendo a tua gloria, eu tive abruptamente, sem uma justificação e sem um motivo, a ideia hallucinada e bizarra de que uma grande alvorada começava agora a povoar a minha Vida de renovadas esperanças...

Pois não é verdade — Alma gemea — que essa noite me trouxe o primeiro raio de sol de tantos, tantos mezes de sombra?...

INDICE

Guedes Teixeira Alexandre Braga, filho

Supplemento aos INSULTOS

AINDA A ACADEMIA

As palavras que vão ler-se não traduzem uma satisfação; muito diversamente significam mais um protesto: — protesto de alma sentindo e sangrando, protesto de justiça, protesto de revolta. Satisfação, não: — á Academia, nunca, porque tal como está, a desprezamos; ao publico, não tambem, porque censuras não as tememos, e consagrações não as desejamos. Para os raros que saibam ver nas nossas palavras a intenção que as dicta (justificação a dentro da consciencia de todas as affirmativas avançadas) é que estas paginas são feitas. Ensinar a ler a Academia n'isso não pensamos; tarefa inutil seria: — demasiadamente o provaram já. Ensinal-a a lembrar-se e a corar hemos de fazel-o que as mãos trasbordam-nos de factos. Pasquins anonymos esperavamol-os já, d'onde sabiamos haver

villões; assobios tambem, d'onde sabiamos haver arruaceiros. Agora, as provas.

Aos casos de todos os dias, manifestações da vida de grupos, não descemos, que seria cahir n'um atoleiro perigoso de intrigas e abjecções. De resto, cremos não haver ninguem que o não confesse: — de portas a dentro a Academia desmascara-se, e, em todas as mezas de cafés, atiram-se nomes a subscrever inqualificaveis miserias. E', pois, nas suas manifestações solidarias, como corporação e como força, que temos de agarral-a e prendel-a, aqui, nas mãos da verdade, de que só gloriosamente se póde sahir para o caminho da regeneração.

Assim, é por um regresso ao passado que temos de começar. Bem vivo ainda na memoria de todos o *ultimatum* inglez. Uma nação ultrajada e antecipadamente vencida na lucta desegual não póde furtar-se ao estremecimento de colera impotente sob que a torceu o chicote do insulto. Pelas ruas, em Lisboa e Porto, ergueu-se a voz dos desprotegidos e dos rotos; um retalho de patria que lhes roubavam, retalho desconhecido e incerto, perdido no vago do mar e da ignorancia, mas palpitante no

coração, bem perto, onde o sentimento de patria latejava ainda nos descalços, nos rotos, nos mendigos.

A onda refluiu até cá; e a Academia, sahida da esturdia das noites de guitarradas, veiu ahi ás ruas clamar vinganças. Mezes passaram:—a grita das ruas suffocou-a o pavor das tropas, o grito academico quiz erguer-se de novo, e a sinceridade da Academia foi posta a prova. A organisação do batalhão academico foi uma reles vergonha; apenas cem, (não lhes discutimos as intenções) deram com desassombro o seu nome; os mais tornaram-se de menoridade. Bandalhissima fórma de evitar o cumprimento d'um dever de coherencia. Que o batalhão era inutil, dizia-se. Que o fosse; inutil não seria, por certo, a affirmação do desejo, embora inefficaz, de sacrificar a um nobre sentimento a despreoccupada vida de rapaz e de inutil. Expediente bandalho, pois não?

Assim, fica provada a affirmação.

Póde ainda dizer-se que a conclusão tirada se refere á Academia que foi, e que, em 90, teve estremecimentos de brio. Implicita confissão da verdade do que dissemos; d'então para cá a Academia só soube des-

cêr e descêr sempre. Ninguem que o contrario diga. A greve ahi está para emmudecel-a.

N'um intervallo de impunidade, assegurada pela espectativa ainda indeciza da opinião, a Academia quiz desempenhar a estranha comedia de affirmação politica.

N'esse periodo de mystificação sentimental para os estranhos, o estudante de Coimbra soube ser variavel, oscillante, como a columna obediente d'um thermometro, e as suas variações de crenças regularam-se pelo horario dos comboyos reaes. A Magestade passava, e, a desmentir a sinceridade da turba, tinha o Simão Pessoa palavras insultuosas para aquelles que alli iam, lembrados ainda do ultrage que a nação esbofeteara, e que, como protesto, se viram forçados, pela covardia dos *solidarios*, a ter de cruzar os braços impotentes e atraiçoados na passagem do rei. D'essa farçada o que ficou? Na alma dos puros e dos crentes a certeza da inutilidade de todos os esforços para levantar tal gente; o isolamento dos bons accentuou-se mais fundo, e, para o espirito dos que veem justo, a agonia moral da Academia começou.

A morte veio com a greve. Triste e vergonhosa morte foi essa. A sua justificação não nos compete aprecial-a. Momento excepcional a aproveitar para a affirmação do brio e da energia d'uma classe, serviu a salpical-a de vergonha. A obediencia da carneirada inconsciente ao chicote do ministro que lhe indicava o caminho dos expulsos, põe ainda hoje, na alma d'aquelles que vestem uma capa para a honrar, um arrepio de odio que não perdoa e não esquece. Disse-se ahi em todos os tons, e berrou-se em todas as vozes, que a Academia fôra atraiçoada, e que a responsabilidade do desastre moral cabia aos dirigentes do movimento tão espontaneamente iniciado.

A subtileza não colhe, e embora sirva a attenuar o procedimento d'aquelles que curvaram a cabeça ao jugo — collocados como foram entre a perda d'um anno e a perda da independencia—os vinte nomes de honrados e altivos caracteres que souberam calcar aos pés todos os interesses, nobremente desmentem a transigencia dos mais.

São vinte boccas que vos não deixam mentir, vinte consciencias que teem o direito de vos insultar.

Triste solidariedade a que nos leva a ter de pôr em face, como inimigos, o nosso brio maculado e as lagrimas dos que nos querem e não sabem que, pelo seu egoismo, nos preparam um supplicio maior, porque vive sempre, e sempre implacavel, porque nunca perdoa.

Tanto coração calcado e tanta lagrima bebida.

E para que, afinal? Para que a capa fizesse mais uma arruaça irresponsavel.

D'então para cá a Academia perdeu o direito de gritar revoltas; encarnou-se na figura passiva de escrava.

A ida á Batalha em *pic-nic* patriotico, originada por um infantil despeito, os factos, já mais antigos, que ahi se passaram por occasião do congresso, da formação da Associação Academica, nos agitados tempos do obstruccionismo do Alte — que vos podia dizer coisas de vos fazer corar — os applaudidos insultos do Barreto, do João de Menezes, de tantos outros, em tantas assembléas vergonhosas, uma infinidade de factos que poderiamos apontar a encher papel, encaminham-se a provar, que a vida academica d'estes ultimos annos tem sido uma

continua bandalheira em que se agita uma cambada de imbecis.

Pois bem; um facto ha incontestavel: — a continua decadencia irremediavel da classe tem um ponto determinado de partida que coincide com o desapparecimento do club academico. As primeiras quebras de brio teem já como origem o abandono a que o club, ainda existente, fôra votado. Natural seria que os esforços de todos se unissem para o reorganisarem, anceados do nobre desejo de levantar a Academia do confessado atoleiro em que se afunda. Forte pela unidade das decisões tomadas, consciente, pela discussão, dos seus deveres e das suas responsabilidades, unida pelos seus interesses, d'alli sahiria uma Academia lavada e nova, immaculada pela penitencia dos erros passados, prompta a entrar destemida e resoluta n'um decisivo caminho de regeneração, de independencia e de prestigio.

Mais um engano. A tentativa de reorganisação foi feita; o enthusiasmo pela ideia apertou-se n'uma assemblêa geral. A coisa havia de fazer-se que n'isso estava empenhada a honra da classe; na quasi totali-

dade dos espiritos, se não em todos, a convicção de que era um dever contribuir pelos seus esforços para a consecução do fim desejado ia arraigada; mas um trocista disse quatro graçolas, e a Academia applaudiu-o como se o ouvisse recitar um monologo.

Isto é serio, isto é digno, isto é decente?

Se o é, somos então uns loucos, porque nos entristecemos e nos revoltamos, somos então uns sonhadores que tivemos ainda a ingenuidade de pensar, ao resignarmo-nos a ser um numero e a vestirmos uma batina, que debaixo d'ella o nosso coração havia de bater em nobres pulsações de orgulho, e a nossa intelligencia havia de gastar-se ao serviço do dever.

E, só porque o destino nos trouxe a sentarmo-nos nos bancos d'uma aula, só porque a vida nos lançou aos hombros uma capa que outros vestem, hemos de ser solidarios nos actos que elles pratiquem, embora esses actos nos aviltem e nos rebaixem?

Não o somos, não o queremos ser.

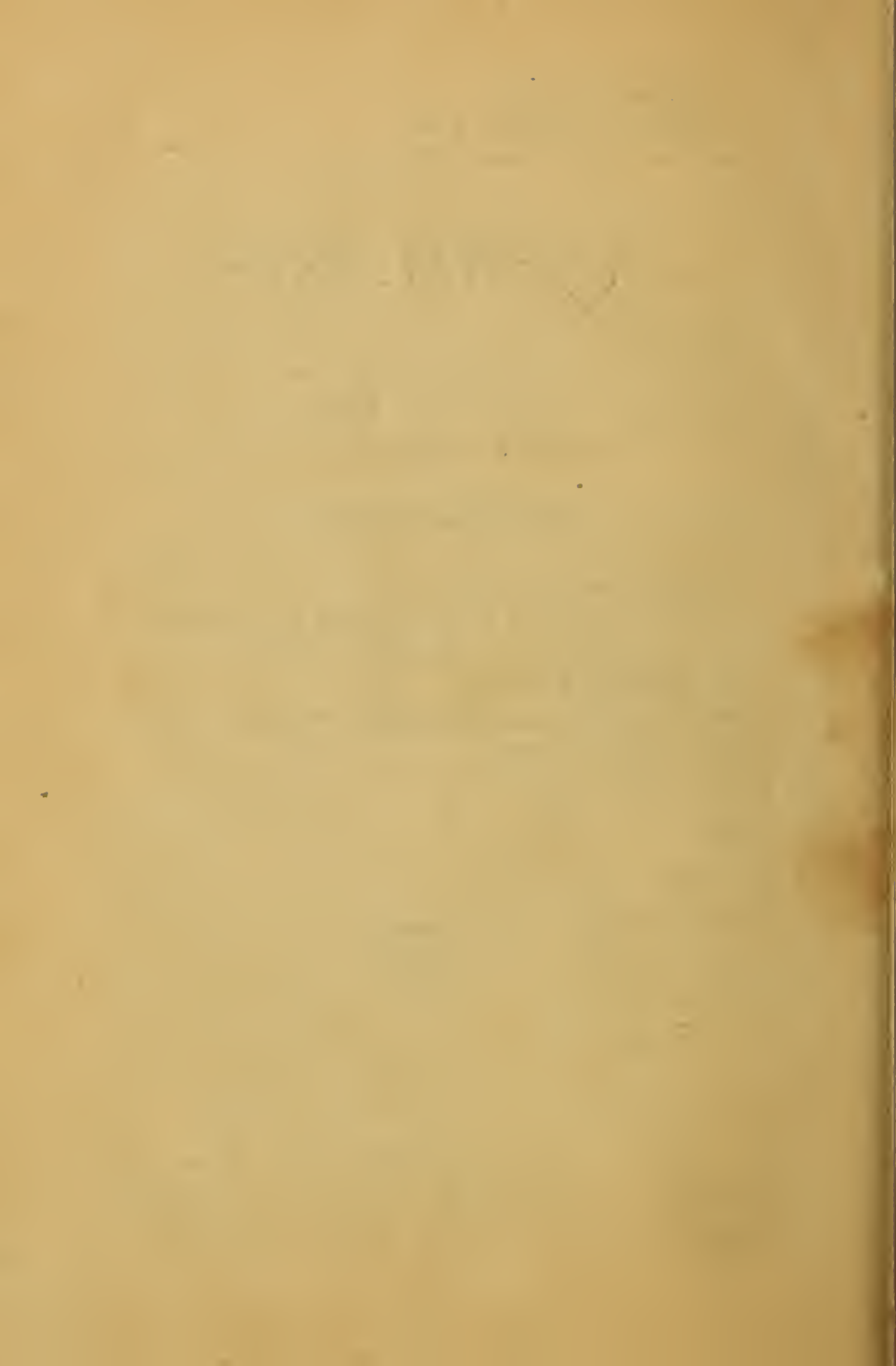
E ninguem pode tirar-nos o direito de sacudirmos de nós a lama que nos salpiquem.

Dezembro — 1891.

Guedes Teixeira
Alexandre Braga, filho

INSULTOS

Dezembro 1894

SUMMARIO:

O comicio em Lisboa

Vem o paiz de assistir a mais uma comedia: — comedia dolorosa, afinal, porque a muitos roubou uma ultima illusão. A farçada, cujo prologo se representou no palco do parlamento, começa de desdobrar as suas primeiras scenas, e difficil será prevêr ainda o seu incerto desfecho. Ridiculo, doloroso, revoltante? Cremos que haverá um pouco de tudo. Em todo o caso, tal como no momento os pantomineiros se encontram, do facto derivam já consequencias funestas.

Que o partido republicano, embora passando um momento historico de excepcional facilidade de triumpho, não era,

por uma vasta complexidade de causas, um grupo disciplinado e consciente, é uma verdade de todos sabida e por muitos deplorada; mas, á sympathia e á confiança de todos nós, fallavam, convencendo-nos, a sua historia de isolamento, como combatente, e a feição intransigente de alguns dos seus nomes.

Para elles os olhos se voltavam esperando confiados, quasi cegos da fadiga de procurarem homens que, a apparecerem-lhes de surpreza, surprezos os haviam deixado sempre na rapida fuga para a mentira e para a vergonha. Se algum resto de confiança havia ainda num incerto futuro de prosperidade, era para elles que as mãos se erguiam em supplica, e d'elles, e só d'elles, se esperava a sonhada redempção.

Dos mais partidos existentes, affirmado está de ha muito, como axioma, que, para uma ressurreição nacional, nada ha a esperar dos seus principios nem dos seus homens: — em scena conhecida, homens pateados já. As liberdades da Carta, cincoenta annos nos disseram como servem para proteger bandoleiros e amordaçar honestos; nesse largo periodo de affronta a

um povo espolinharam-se na arena publica aventureiros de todas as côres, desde o imbecil ao ladrão. A escala é extensa, e se, d'essa cobarde espoliação d'um povo, alguns nomes se salvaram pela honestidade, condemnados ficaram como fracos, transigentes ou imbecis.

Perdidos: — os principios pela sua falsidade e pelos seus homens, os homens pelos seus actos.

* * *

Sabida a impossibilidade, no momento, d'uma transicção mais radical e mais fecunda de justiça, a ideia republicana impunha-se naturalmente ao espirito de todos aquelles que, crentes ainda na regeneração d'este povo, eram sufficientemente honestos para fugirem da cumplicidade no crime legal, que, lá por cima, se andava commettendo.

A esperança, pois — a poder sonharse — estava no esforço dos homens que,

prestigiosos ou ignorados, luctassem, n'um campo de rasgada e profunda revolta, contra o existente odioso. É que essa esperança existia, digam-no ahi todas as boccas sinceras, e fallem-nos bem alto os repetidos factos que o affirmaram.

A revolta do Porto foi manchada de sangue, e o sangue não o vertem pantomineiros, vertem-n'o crentes.

Pois bem; n'este momento de indecisão e de anciedade, licito é a todo aquelle que portuguez se sinta, chamar, perante a consciencia publica, á responsabilidade dos seus actos, os homens que atraiçoando os seus principios se afundaram agora na estrumeira de caracteres que ahi havia, e nos apparecem, mãos dadas com os exploradores de ha dias, a vomitar sandices, escudados no prestigio de que os reveste uma ideia.

Traição, estupidez, vaidade de palrar? Tudo nos é licito suppôr desde que os vemos, organisados em companhia de meetingueiros, a correr o paiz em *tournée* de parolice.

E para que? Para restabelecer o imperio da lei e para defender a integridade da Carta, dizem os ensandecidos. Mas a lei é aquella marafona que nos roubou a liberdade de pensar; mas a lei é aquella desavergonhada que abriu a porta da impunidade aos nossos espoliadores; mas a lei é aquella prostituta que se entregou a cada esquina de palacio; foi ella que os fez titulares e a nós mendigos, foi ella que nos algemou os punhos cheios de ameaças, que nos fechou a bocca cheia de accusações, que nos paralysou o cerebro e a vontade, que nos levou ao carcere e ao exilio, que nos partiu as pennas, que nos rouba e nos humilha e nos vende e nos atraiçoa. E é pela lei, e dentro da lei, que elles nos veem fallar? Pela Carta, elles, os homens da Republica; dentro da lei, elles, os homens da Revolta? E é a nós que não queremos tal lei e que rasgamos tal Carta?

Que ignominiosa e que triste comedia!

E assim se abusa do prestigio de nomes creados á custa da sympathia e do amparo da vontade d'um povo, assim se trahe uma

missão confiada, e assim se esquece a coherencia de toda uma vida de lucta intransigente!

Mas se elles mentem, dizendo-se representantes d'um partido que n'elles não delegou a sua representação agora, nós é que (e dizendo nós, dizemos todos os republicanos) temos o direito, e mais que direito, a obrigação e o dever de descrusarmos os braços indifferentes para os affastarmos bem de aqui, d'onde se grita, alto e desassombrado, que não queremos a mão dos que nos desabotoaram o casaco, e que o partido republicano ha de seguir o seu direito caminho sem que se deixe manchar na convivencia de vendidos.

Não é a nós que nos compete levar os arlequins ao paço, que elles não perderam ainda o faro do caminho. Deixal-os sós até que se estrangulem na corda da ambição que os liga a todos; quando os acompanharmos que seja para guial-os no caminho da forca.

Porque a mão que lhes dermos para amparo, se pura fôr, ou vem mordida ou manchada.

*
* *

Por Deus que, d'essa chinfrineira, duas utilidades ficaram:

Sabiamos já — e melhor o ficamos sabendo agora — que a seria e completa organisação do partido republicano se impunha como um dever a todos nós. Agora, esse dever sobre significar, pelo seu cumprimento, a affirmação d'uma força que, dispersa e desunida, nos enfraquece em successivos desperdicios de acção infructifera, importa uma garantia para o brio do nosso nome, e assegura-nos que, de futuro, a ameaça da nossa força não irá entregar-se, por mãos de tresloucados, nas mãos traiçoeiras de ambiciosos e desavergonhados.

Conseguida essa organisação, o triumpho será certo, facil e rapido. A grande e irresistivel corrente de ideias republicanas que por todo o paiz se dispersa encontrará n'uma direcção suprema e justa a unidade de caminho que a torne inatacavel. De resto, a resistencia será nulla: — dos atrevidos de hoje, d'este momento apathico e estagnado, ficará uma tremula sombra de

cobardia, e, no momento decisivo, heis de vel-os desertar de roda do throno, que, talvez pela ingratidão e pelo abandono, possa ainda magoar do exilio (funda ironia!) a nossa piedade de meridionaes sensiveis.

E são elles que nos dizem, afinal, que é grande a nossa força, diminuida como está pela falta de unidade e direcção. São elles que veem astuciosamente, servilmente, pedir-nos a coragem que lhes falta para apparecerem ao juiz que os julgou já, pedir-nos a nossa pureza para occultarem as velhas chagas, e, hypocritamente penitentes, escudarem-se no nosso prestigio para calcarem impunemente os logares que, sem o nosso nome, lhes seriam pelourinho.

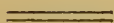
* * *

Assim, o nosso doloroso dever fica cumprido: — triste dever, sem duvida, o de protestar contra o perigoso desvairamento d'alguns espiritos que nos são queridos.

Que, neste burlesco acto de farçada, alguns dos republicanos empalmados levem no fundo de alma um grande impulso de sinceridade, queremos acredital-o, e magoados a duvida nos deixaria; mas a honra do partido não póde deixar-se em mãos de amuados porque lhes fecharam a casa do cavaco parlamentar.

O nosso protesto ahi fica; para elles o arrependimento, se não veio já, chegará tarde.

Quanto aos outros, os farçantes da revolta dentro da lei, deixal-os applaudirem-se uns aos outros para que ao menos tenham a illusão de que alguem póde ainda ouvil-os. E verão como, sós, não apparecem, que elles lembram-se ainda do comicio do Porto, e conhecem o expressivo gesto do desprezo popular.

CASOS VELHOS

I

A execução de Salvador

Velho caso este sobre que passaram já umas semanas indifferentes e para o qual os noticiarios abriram um parenthesis de horror, prenhe de maldições e de odios a cuspir sobre a memoria do morto.

Caso simples, afinal: — um homem de fé que morre n'um patibulo.

Sobre o attentado, bordado de imaginosas monstruosidades pelos romancistas de gazeta, vieram aos olhos da hysterica sociedade lagrimas de piedade dolorosa pelas innocentes victimas, que, depois do jan-

lar comido, tiveram ainda uns cobres disponiveis para ir té ao Lyceu ver os actores.

Naquella noite de sangue, para a estupida commiseração d'esses christãos, só houve aquella fatalidade e aquella dôr; a grande e perpetua tragedia da fome e da exploração não lhes mereceu, siquer, uma palavra de remorso. Achou-se horrivel que, em sacrificio d'uma ideia, o sangue de mulheres e de creanças corresse, e quem insultou o sacrificador foi o burguez, que, nas suas caridosas fabricas, mata centos de creanças ao anno e prostitue milhares de mulheres.

Odiou-se o homem que, cercado de feras, teve uma vertigem de sangue, e matou revoltado; e apertou-se a mão do assassino consciente que ditou a lei que o manda executar.

Foi-se injusto e foi-se cobarde; o acto só um tinha o direito de o julgar; só esse podia saber o que até lá o levara, e qual fôra a agonia que lhe armara o braço de explorado. Esse mataram-o os coherentes no crime, e assim afugentaram, enterrando-o, mais um remorso.

* * *

Sobre o caso um incidente: — a execução do martyr foi cercada de todos os horrores e toda a crueldade que a perversidade dos homens soube meditar em horas inquisitoriaes, e a lei soube sentir no coração de fera; desde a esperança do perdão até á ameaça da tortura eterna, o pobre condemnado foi perseguido pelo odio e pela baixeza dos homens. Por um requinte de selvagem crueldade, até ao ultimo momento quizeram arrancar-lhe a penitencia do crime, e foi num encarniçamento feroz que o torturaram nas horas que lhe precederam a morte.

Na sua fuga espavorida dos homens uns braços lhe appareceram em que elle quiz buscar refugio, e para os quaes, chorando, se atirou. Eram os braços da mulher amada, que lhe dera um filho para a desgraça e lh'o levava na partida para a morte.

Aquella, não! — sabia elle que não seria como os mais: — havia de sentir a sua abnegação e o seu martyrio, e no seu

regaço poderia tranquillamente chorar as ultimas lagrimas de saudade por ella e segredar as derradeiras amarguras da vida.

Mas nem essa ultima piedade os deshumanos homens lhe deixaram:—a Egreja havia conspirado, e d'aquelles labios amados em tantas horas de miseria sahiram as mesmas palavras de perseguição e crueldade de que elle viera, espavorido, fugindo.

E digam-me lá se Deus não perdoaria o crime d'aquelle que matasse essa megera?

II

O suicidio da imperatriz da China

Novembro; *20*.

Meia duzia de linhas, distrahidamente lidas, ahi, num jornal qualquer, entre a noticia d'uma sessão parlamentar e a prisão d'uns gatunos, vem de cavar-me no espirito uma funda impressão. Refiro-me a uma comedia tragica, como o são, afinal, todas as comedias da vida, que a Havas nos transmittiu pela impassibilidade dos seus fios, passada lá numa terra bizarra de exotismos, onde, pela illusão do nosso espirito complicado de civilisações e de artificios, nos acostumaramos a crêr que o drama morrera; lembram-se todos ainda: — é do suicidio da chineza que fallo.

De par com o perfil da ida creatura, doce e amorosa, invoco a figura d'um povo que não sabe morrer dignamente de

fome, e que todos os dias risca de sangue inutil o avido noticiario das gazetas: — o povo é o nosso, e o sangue é o das costureiras.

Sabem a historia banal e barbara: — tedio de rei que se traduz num ultrage, um passado complicado de conveniencias e artificios de côrte para impôr e sacrificar a um homem um pedaço de mocidade e de belleza. Depois, a scena. Simples, pois não?

Mas eu quero descer até á agonia d'aquella alma de oriental, aberta á doçura dos seus poentes aguados, crescida na indolencia das sedas e dos leques, tocada d'uma ascendencia de sonhadores que morreram envenenados de opio e que lhe deram, pelo crime da origem, a fatalidade d'um temperamento de victima, alheia á vida, olhos sempre parados e ausentes — uma partida, em torvellinhos de sonho, para a desgraça irreparavel; quero advinhal-a e sentil-a no seu paiz estranho, nas paizagens das porcellanas que levam rios de oiro entre arvores de sangue, em toda a enredada e subtil imaginação dos seus poetas,

nos olhos vitreos dos seus deuses e no emmaranhado sentir da sua alma impar; quero fazel-a passar nas minhas paginas, delicada e doce, sonhadora e meiga, soffrer-lhe a vida, acompanhar-lhe a morte, para que a arida saudade do meu coração se povoe de lagrimas ao sabel-a morrer tão triste e amante.

* * *

E fico-me a pensar que, se por cá o suicidio não dormisse em cartas de namoro, e se tivessemos de sentir como a chineza as bofetadas quotidianas, uma grande maré de sangue fecundante cobriria o paiz de lado a lado.

Que elle anda por ahi cada estafermo...

MACHADO D'ALMEIDA

Phrase banal, vulgar palavra a que ides ouvir:

— Morreu um amigo.

E os labios, se sinceros são, calam-se para deixarem a alma segredar as dores que se não dizem, e, se falsos, de novo continuam a dizer as coisas indifferentes.

E morreu um amigo; ouvi me bem, aquelles que como eu o foram d'elle.

Olhar que sempre nos deixou ver a alma a descoberto, o pobre ignorado que no sacrificio conhecemos e que a fraqueza d'um abraço nosso deixou passar para os abraços d'outros, o nosso louco das noites de loucura, o nosso egual dos dias de tra-

balho, disse-nos já como é que os homens podem levar até á morte um coração que devera sobre elles triumphar.

Pretexto, e nada mais, para que houvesse quem aos olhos dos outros se vestisse d'um prestigio de protector, foi elle que cuspiu sobre nós todos o desprezo dos que levados são á morte por esta simples agonia de não saber viver.

* * *

Conhecemol-o (ha annos só, e quantos seculos de desanimo passaram!) figura rara de alma, — se é que figura teem os que só alma são — passou junto de nós a agitação da sua vida de miserias, e, dia a dia, o sentimos esgotar-se na lucta obscura do viver.

Em todos os degraus da dôr humana elle teve — o pobre ignorado — uma paragem de martyrio, e nunca os seus olhos miseros de faminto deixaram de brilhar com o mesmo fogo de bondade e de crença, humidos da saudade d'um mundo que sonhara

e doridos de olhar o mundo em que nascera.

Vida de acaso a d'elle; sem a criminosa coherencia dos que calcam faceis desvios de impulso, foi n'uma recta que marchou para a desgraça por um paiz de abandono, cabeça erguida n'uma altivez de vencido e braços sempre abertos, agitados na busca d'um abraço ou na procura d'uma cruz.

E lá seguiu na extensa caravana dos incomprehendidos, no pó da estrada que pisaram martyres, gottejando o suor do seu esforço infecundo, fugindo sempre e sempre sem destino, com a febre homicida de alcançar qualquer coisa de vago e de indistincto, miragem fugitiva e distante que existe para lá da promettida terra inattingivel.

*
* *

Vae em mezes, veio elle por ahi; incapaz de viver, trazia ainda ardendo o seu olhar de illuminado; vestia-o um grande cansaço: — fôra rude o combate, e, para

amparo, os homens que encontrara eram todos mutilados.

Mas nem assim a sua fé esmorecera; dir-se-hia que os seus fatigados braços de combatente inglorio erguiam ainda para o sacrificio uma alma de creança.

Era agora uma ancia louca de agitação que o devorava; requeimava-lhe o cerebro o sonho do resgate para a Desgraça; todo elle vibrava no desejo da acção, da colera, do combate; ardiam-lhe relampagos de odio no olhar de nazareno; em cada gesto vivia-lhe uma raça de predestinados; e, se a voz se lhe perdia n'uma fadiga, abysmava-se n'um estagnado desanimo com uma palavra de morte, sobre a qual os seus labios se fechavam n'uma teimosia de querer, como nunca a tivera para a vida.

Lá foi, cambaleante, incerto, abandonado...

E pensar eu que elle morreu de fome!...

A Lucinda e a empreza de D. Maria

Dia a dia se vae distendendo, jornaes fóra, n'uma prova cobarde, a conhecida insidia da empreza do theatro nacional, armada a Lucinda Simões.

Pouco me agradaria mecher este assumpto, malhado todo em caracteres cheios de duvida e presumpções estultas de malandros sem talento, se n'elle se não acobardasse uma armadilha á grande alma clara d'uma mulher que toda enreda um severo espirito peregrino. As claridades sabem bem nos labios sorvidos de chimera e os olhos vão-nos gostosamente sempre de encontro ao que jorra luz, ignorados do

enjôo da sombra e das manchas que se arrascanham em fundo ás destemidas alvoradas...

Partidos brazões de glorias idas, a tombarem limosos de velhos, rosas murchas a palestrarem, gagas de vaidade n'uma pose d'alta comedia, virgineos lyrios com empertigamentos de vassoura, tudo enfeixado num abraço cuspido de orgulho — realengo compadrio e ampla natureza em exposição — lá vão trauteando, n'uma vergonhosa *débacle* d'arte, a epopeia dos seus odios e mesquinhas affirmações ambiguas de vaidade!

Era forçoso que a Lucinda lhes não enchesse de sombra o marfim dos cabellos pilhados da nevoa.

E, na ideia de a empurrarem cá para fóra, a impôr ao publico, começa um sarilho de cartas e bilhetes cheios de reserva a conhecer-se. Mas seriam cortezes e generosos: e a delicadeza affirma-se, desde logo, no desejo de agarrar-se uma phrase a dois sentidos n'uma palavra menos pensada, a chamar, dia a dia, uma senhora ás columnas desemboladas d'uma folha reles; a sua generosidade era vel-a nas perguntas insis-

tentes e rebuscadas, a atordoal-a em explicações d'instante a instante...

* * *

Vi a Lucinda representar umas tres vezes, magistralmente, alguns maus pedaços litterarios de velhas peças sem valor. Acasos de vida fizeram-nos passar perto um do outro. E, apezar de a não conhecer pessoalmente, no convencimento já do seu talento, rapidamente se accentuou em mim, flagrante d'imposição, a grande alma aberta d'essa finissima mulher. E essa alma se distende, nervosa e torcida de sinceridade, tal como me pareceu comprehendel-a nas suas cartas arrastadas á detestavel bandalheira d'essa questão repugnante.

No desforço da empreza um grito estruge apenas de justiça á extranha Alma.

E' tel-os paciente. Onde os bandalhos pretendem destrinçar uma incoherencia, uma logica deducção ha a tirar, esmagadora, da má fé dos embusteiros, e á cortezia hypocrita d'essas espinhas dobradas

falla bem alto a consciencia orgulhosa d'um espirito que se sente forte e d'uma alma a saber impôr-se, humilde e grande.

E' o caso uma comedia de Ibsen, apontada pela Lucinda á empreza do theatro que a acceita, atirando as suas difficuldades de traducção á penna conhecida de um critico emproado que fez epocha.

D'uma fina compleição litteraria, velada em suaves motivos pittorescos, e mastigada n'uma modernissima feitura cheia de relevo e bizarros effeitos a estalar em côres turbadas, a peça d'Ibsen, dado o acolhimento frio do *Pantano*, trilhado nos processos do auctor da *Casa de boneca*, era certo que cairia fatalmente, desamparada da sympathia do publico a quem desagradara a nova orientação de João da Camara, na sua mais bella producção para o theatro.

E' claro de ver, nas circumstancias postas, que repugnasse a qualquer artista ir abotoar-se n'uma peça morta.

Da boa vontade do principio, ao abandono fundamentado do desejo expresso, vae apenas a coherencia do individuo que volta para traz, ao sentir abalar-se o chão sob os seus pés.

Logico o facto. E a empreza, a mão erguida, amarrotando o punhal de lata a uso nas tragedias, só conseguiu arranhar-se a si propria, ridicula na sua furia disfarçada, burlesca em seus intuitos de canalha.

* * *

Muito para discutir o merito artistico da companhia de que fallo, fixo, muito rapidamente, a Augusto Rosa, n'uma excepção de luz, sua gloria justa. E, gravado esse nome, com uma lembrança para o talento de Ferreira da Silva, abranjo em meu desprezo todo o resto.

Fallemos da Lucinda. Collocando-nos debaixo da claridade do seu nome cheios de vontade em puchar-lhe palmas estraviadas para a sua vida de grande artista, gostosamente firmamos n'esta pagina a alegria de a vermos breve fóra d'um centro onde a perfidia, de parelha com o despeito, a maguou de tão cobardes injustiças. E porque os seus pés não precisam das consagradas taboas d'um palco para seguirem firmes e destemidos no caminho glorioso da sua nobre arte, e porque a sua voz ha de roçar-

nos sempre d'uma doce orchestração, fugida embora dos doirados classicos e dos torcidos emmaranhados de soberbas architecturas, a sua deserção consola-nos immensamente na demonstração que vae dar-nos.

Flores longe dos pantanos. E não ficara alli bem, sagrando quasi uma cumplicidade no pensar da malta, a rara Alma d'essa estranha mulher.

Aquelles que despediram, sem um motivo apresentado, Lucinda do Carmo, são consequentes na lucta movida a todo o espirito de assignalado valor. E não nos assistiria o direito de os considerarmos a ponto de nos curvarmos até elles, de perguntar-lhes porque enxovalharam n'uma vergonhosa despedida essa mulher de tão seguro merito.

Deixal-os, aos bandalhos. Remecher-lhes a consciencia é esparrinharmo-nos de lôdo, tocar-lhes a alma é quasi desejarmo-nos batidos da sua infamia.

* * *

E quando ámanhã vestirdes as vossas consciencias de poltrões das lantejoulas esmigalhadas pelo panninho das vossas capas

falsas de comedia, lembrae-vos de que alguem de um logar barato da plateia tem, no grande sorriso do seu escarneo, escarros para vos pintalgar n'uma caracterisação condigna e estranha, as vossas physionomias estragadas.

Ajoelhar faz bem. E á alma distendida, calca-nos tu, doce curva de mulher, turbando-nos do teu riso acariciador e calido.

Palavras do frio

Dezembro; noite clara: — um ceu de frio, palpitante de estrellas solitarias. Sobre os telhados, que se apertam lá em baixo no amontoamento da cidade, estende a neve uma toalha de alvura, e, á beira rio, sacodem as arvores as ramarias brancas.

Pelos beccos de miseria passa a voz arripiada e sibilante do frio; ha lares sem fogo, boccas sem pão, creanças sem abrigo.

Noite de Natal; ancioso, collo o ouvido á terra para auscultar as palpitações da desgraça:

— É a voz faminta dos hospitaes que brada um grito de desconforto e nudez; boccas seccas de febre ardem em colera, e punhos de moribundos apertam-se em mal-

dições; nos bairros negros rola a voz da orphandade uma tempestade de lamentos; sangram os peitos estereis da viuvez, e em cada olhar brilham pavores de morte, desconhecidas agonias de vida; pulsam arterias de tragedia e de fome, ha braços hirtos de força, gemem grilhetas no desterro, e para as grades negras das cadeias abre-se um ceu sem Deus.

E o brado de afflicção inenarravel, partido de todas as boccas, errante em todos os caminhos, alaga as almas de tristeza e morde de odio os corações.

* * *

E dizem que nasceu um Deus clemente, que fez florir em bençãos a terra que calcava, e que, dos braços tragicos d'uma cruz, gottejou o seu sangue fecundante...

Noite de Natal; espavorido, oiço passar a voz do crime:

— E' o rir da orgia que vibra nas horas d'uma noite de festa; nas sedas caras

ha manchas de adulterio; em plena luz, plena alegria, vae a vertigem n'um redemoinhar de loucura, e ha oiro no jogo, e ha joias nos collos, vinhos nas taças.

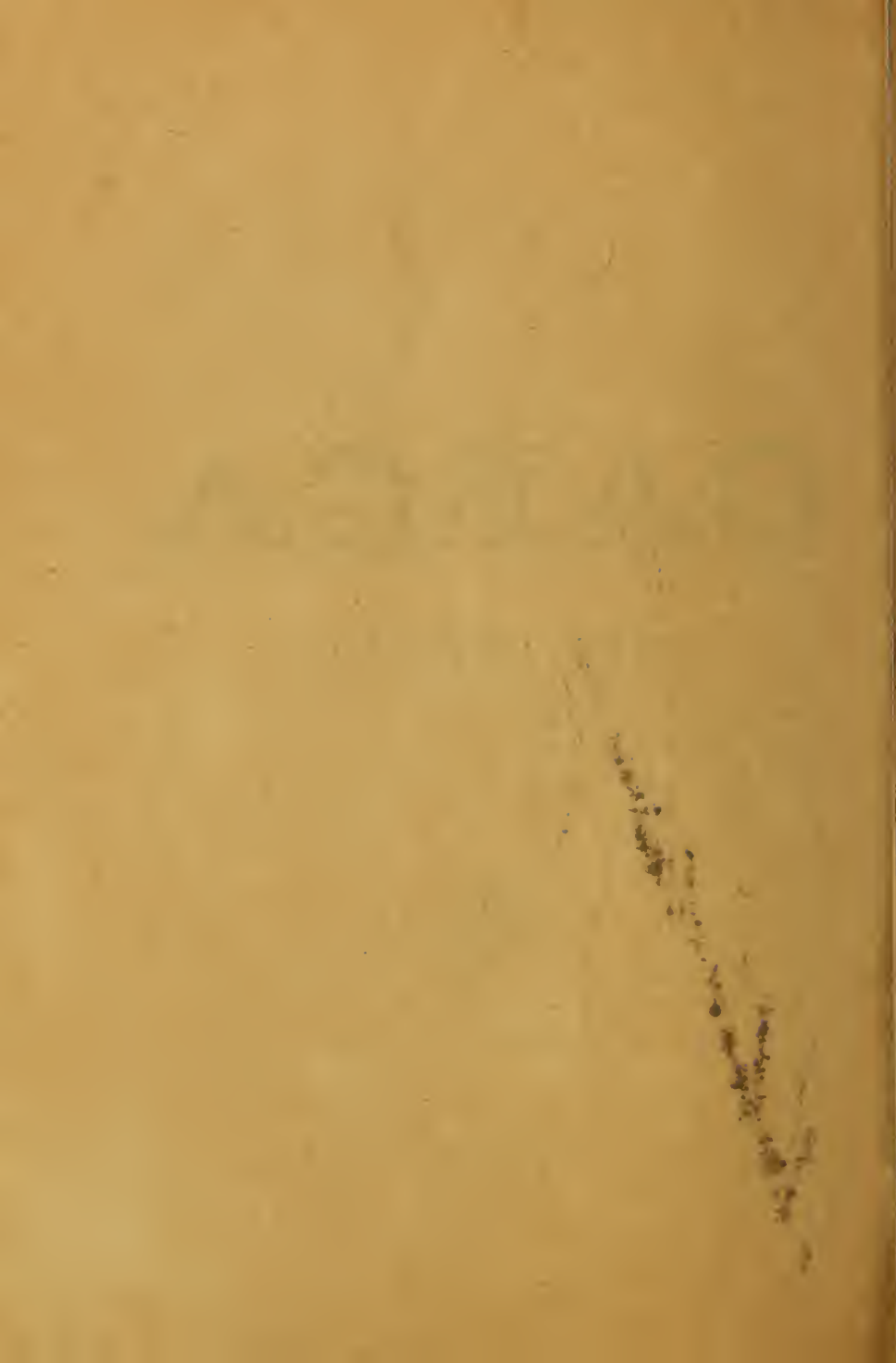
E tudo se afunda no conforto do luxo insultante e egoista; em cada vida ha uma existencia de crime triumphante, desdobra a infamia as azas protectoras, e a Fortuna estrangula nos seus braços o grito da justiça e da miseria.

E dizem que nasceu um Deus clemente, que tinha odio no olhar incendiario, e nas mãos um chicote justiceiro, ameaçador, colerico...

Guedes Teixeira
Braga Alexandre

CARGA

(NOS INSULTOS)

1894

SOLEMNIA VERBA

No nosso pequeno mundo litterario, na pasmaceira habitual da sociedade indigena, appareceu ha pouco um pamphleto a que os seus auctores tiveram a fortuna e a desgraça de chamar *Insultos.*

Dizemos fortuna porque, sendo um dos fins da publicação, talvez, surprehender alguns cobres aos incautos ou nimiamente curiosos, aquelle titulo, excitando o appetite, era um bom anzol armado ás bolsas; e desgraça, porque, uma obra de mau gosto, quanto mais espalhada, mais desacredita o seu auctor. Assim aconteceu á malfadada publicação.

Annunciada em cartazes pelas esquinas, pelos bordeis e pelas cocheiras, com referencias nos jornaes e até por ditos ingenuos dos seus auctores que de antemão promettiam insultar todo o mundo, dizendo até que davam um jantar, a quem se não sentisse ferido pelos seus dardos, fizeram andar toda a gente, que tem telhados de vidro, amofinada em continuo sobresalto, pallida de medo, que lhe descobrissem os pôdres.

Afinal o diabo não é tão feio como o pintaram, porque ao cabo de grandes trabalhos, os prélos deram apenas á luz uma producção infezada de dois espiritos canhestros.

Fatal desillusão! como sempre a montanha pariu um rato.

* * *

É por mera distracção que vimos escrever estas linhas, não sendo nem mais nem menos do que filhas do nosso modo de pensar.

Não é pelo effeito que produzirão no animo dos nossos collegas, nem tão pouco movidos pela sympathia que um ou outro grupo nos desperta, ou salientar-nos, não; é expôr uma opinião meramente singular que, graças á vontade do legislador, por emquanto não se deliberou ainda coarctar de todo, aos que rabiscam duas linhas como nós.

Por gostarmos de ler e avaliar a intelligencia e doutrina dos novos escriptores, se nos dão licença, que hão de levantar a patria, cantando-a ou criticando o movimento social para a sua regeneração, pelo menos, tivemos o gosto de pedir emprestado o pamphleto *Insultos* de Guedes Teixeira e Alexandre Braga, filho, para passarmos um bocado da noite, recreando a intelligencia, que ás 11 horas se achava já saturada de sebenta massadora, como é a de...; ai que me ia a denunciar.

Lêmol-o com o maximo desinteresse. Não temos a este respeito o menor facciosismo, pela razão de que, apesar de academico, sômos indif-

ferente a este movimento que passa na academia, movimento ondulatorio, que é quasi sempre, senão sempre, impellido por coisas mesquinhas; como amigo ou inimigo dos auctores dos *Insultos*, tambem não, pois apenas os conhecemos pelos seus escriptos e de vista, como vulgarmente se diz.

Lêmol-o portanto com todo o sangue frio. Lido, resta-nos apresentar o nosso modo de pensar cordato e imparcial.

Não é uma critica que vimos fazer, mas unicamente dizer que os auctores dos *Insultos* andaram mal, lançando mão d'aquelle meio, para se estreiarem no mundo critico.

Debaixo do ponto de vista litterario, confessamos que os auctores dos *Insultos*, novos aspirantes a bachareis, se os mestres deixarem, está claro, nos deram mais uma prova da sua arte que, louvado Deus, hoje tanto abunda n'esta patria porca e rôta; porém debaixo do ponto de vista do seu contheudo, lamentamos que tão fallados escriptores, conhecidos no mundo litterario por dois versos e quatro linhas de prosa, lançassem mão d'aquelle assumpto, para não poderem com orgulho, aos netos dizer, que em tempos que lá vão, tiveram a pujança de insultar uma academia, sem que houvesse um que lhes podesse dizer—pela minha parte estou satisfeito.

INSULTOS. QUID?

Não é nosso intuito fazer uma apreciação rigorosa ao pamphleto, doutrina que aliás, não resistiria á menor critica.

Apenas queremos mostrar que a luva por elles lançada á academia de Coimbra, não cahiu na lama; houve quem, embora o seu nome se não revelle, a levantasse.

Analysaremos pois, e isso mesmo de passagem, porque nos não sobra tempo, as paginas que directamente se referem aos academicos. Antes d'isso porem, seja-nos licito uma digressão.

Como nós, o publico terá perguntado qual seria o fim que os novos escriptores tiveram em vista, vindo para a praça publicar ridiculos e vicios de que elles são as primeiras victimas.

* * *

Por mais tratos que demos á imaginação, não sabemos nem podemos descobril-o

Por certo que os auctores não tiveram em vista moralisar os seus companheiros de estudo.

São pessoas de muito pouco valor e influencia para que os demais academicos se importassem com as suas impertinencias.

Nem o sr. Fausto, apesar de poeta, tem a força de Juvenal ou Marcial para cauterisar com o ferro candente de seus versos, as pustulas de uma sociedade; nem o sr. Braga que nós suppomos ser em litteratura mais parvenu que o outro, tem a graça mordente, a satyra audaz e scintillante de Moliére, para ridicularisar o meio cujas deformidades quer salientar.

Demais os seus processos são muito differentes dos de Balzac: este mata pelo ridiculo, moralisa pela censura, mas não insulta; este era homem de sciencia, trabalhador; os auctores dos *Insultos* são homens de vicios e nada mais. E não é estranhavel, que elles os tenham, pois quem ha ahi isento d'elles? quem ha por ahi que seja modelo, para nos servir de figurino?

Infelizmente não ha um, de consciencia limpa que possa apresentar-se e dizer: sou eu; infelizmente não pódem os insultantes vir prégar moralidade, quando dentro de seus estomagos ha sarro, como n'uma pipa que tenha servido ao vinho ha mais de cincoenta annos.

Por certo não teriam por fim cardar meia duzia de vintens, para poderem viver n'este meio como qualquer fabiano explorador.

Não lhe fazemos este juizo, pois estamos persuadidos que os nobres criticos ou insultantes, preferiam recorrer á santa casa philantropica, do que viverem á custa dos insultados, insultando-os.

A nossa generosidade vae mais longe, como vêem. E quem sabe?

Ás vezes a miseria, quando acompanha individuos que tentam sobresahir com uma gloria de seus antepassados, tem d'estes devaneios; prefere um interesse derivado de um mal, a expôr-se a que todos digam, ahi vae um subsidiado.

Tudo pode ser.

Por certo não tiveram por fim mostrar a sua valentia, pois um dos insultantes nunca insultou senão esta vez e o outro cahiu ao primeiro puxão, como a academia pôde ver.

* * *

Postos de parte os motivos que apontamos pelas razões expendidas, parece-nos que os auctores do pamphleto, obedeceram apenas ao desejo tão vulgar de ostentar as graças do seu espirito e as riquezas da sua imaginação no mundo litterario, em que suas ex.as querem por força entrar.

Mas illustres e nobres academicos, ou o assumpto é arido ou os vossos recursos muito limitados.

A verdade é que, quem percorrer uma a uma as paginas do librelho, não encontra um dito agudo, um conceito feliz e original, que revelle uma sombra de talento.

Ha n'elle estudo e correcção e uma preoccupação disfarçada de não arriscar asneira; mas como obra de espirito, humoristica e de sensação, por Deus, que é absolutamente inepta.

Entretanto para os illustres auctores provarem as suas aptidões litterarias não era necessaria esta nova publicação.

O sr. Fausto gosa merecidamente de glorias emmurcheciveis, a que tem jus, em virtude de uns livros de versos e de umas cantigas para o fado que publicou e que toda a gente sabe que são d'elle, e toda a gente o affirma porque, logo no principio das suas obras, para que ninguem tenha o descoco de se enfeitar com as pennas do pavão, elle tem o cuidado de dizer que são parte de sua imaginação fecunda.

O que não diz é quem lh'as fez conceber, decerto porque o não saberá. Elle é tão popular e conversa com tantos!...

Emquanto ao sr. Braga não sabemos se elle é ou não neophyto na litteratura, comtudo se alguma coisa tem publicado ha de ser por certo do mesmo folego e valor dos *Insultos*, pois, só para obras d'esta natureza é que s. ex.ª parece revelar grande aptidão.

Decerto o sr. Braga veio á cata da fama, tendo por timoneiro o Fausto que é homem já experimentado nos mares da publicidade.

D'esta vez, pois, quer-nos parecer que adivinhamos e portanto que os intuitos dos pamphletarios são effectivamente ostentar as suas prendas litterarias, opinião esta, que se confirma ao ler o artigo dedicado a Vianna da Motta.

INSULTOS POR INSULTOS

Os srs. Fausto Guedes e Alexandre Braga, filho, "estudantes de Coimbra representam, por via de regra (por elles estabelecida a pag. 5) um erro de acaso, cuja responsabilidade cabe á selecção natural que os não fez quadrupedes„.

"De facto, partidos... (não sabemos de onde, pois não nos demos ao trabalho, talvez inutil, de procurar a certidão de nascimento) nullos de cerebro, incapazes de romperem, triumphantes, na vida sem um amparo official do diploma, vieram por ahi fóra, paiz atravez, engrossando a enxurrada que desagua aqui„ (vid. pag. 5).

Com o maximo descaro e com a desfaçatez do cynismo que só pode pertencer a homens já ennodoados por todas as devassidões do bordel e da orgia, estes senhores, sem merito de qualidade alguma, vêm, com arreganhos de homens superiores insultar a academia, á qual, apesar d'isso, querem pertencer, dirigindo-lhes os insultos mais desbragados, em phrases arreeiradas, tresandando a taberna, que foi certamente a escola que frequentaram antes de para cá virem.

Quem os ler e avaliar pela indignação postiça da sua phrase, ha de julgar que são dois briosos e esperançosos mancebos, estomagados pela imbecilidade d'uns e pela infamia d'outros, dando largas á sua indignação, verberando as vergonhas sociaes: ha de julgar que são alguns sêres superiores, aureolados com o cunho da predestinação para moralisarem o meio que os rodeia.

Mas a verdade é que os censores não passam d'uns comediantes deshonestos que pretendem illudir o publico com as suas prosapias de fidalgos, quando não passam acima das outras vulgaridades, a não ser na campanha do insulto.

A elles pois se póde justamente applicar a sua definição de estudante de Coimbra.

* * *

Censuram os criticos o que chamam coices á porta ferrea, chamando-lhe a primeira infamia.

Dizem que "um torpe e mesquinho instincto de vingança leva os que entraram alli sobre o chicote do ultrage a pagarem com usura aos que chegam depois, a sua divida de vergonha, complicada de rancores„ (pag. 8).

Tranpolineiros! quem vos ler julgará effectivamente que a academia é composta de um bando de doidos.

Mas que novato ha hoje que se queixe d'isso? quem é que hoje faz reviver as tradiccionaes praxes do canelão, córtes de cabello, palmatorias, mócas e outras coisas d'esta natureza, que antigamente se usavam?

Ora srs. criticos de bôrra, sejam mais verdadeiros nas suas affirmações, se quizerem que os acreditem.

As troupes, o canelão, tudo isso, de que os nossos maiores fizeram largo uso, está hoje reduzido a pontos minusculos e tende evidentemente a desapparecer.

Para que vêm pois com pieguices de sentimentalismo dar corpo a boatos que já por fóra tem corrido, sem no entretanto terem fundamento?

Censuram o servilismo e hypocrisia dos estudantes perante os seus professores; o insulto e diffamação contra os mesmos quando longe d'elles.

Mas quem obriga os estudantes a esse servilismo condemnavel, a essa hypocrisia traiçoeira?

É a intolerancia e o espirito jesuitico e pêco d'alguns lentes, que, com a solemnidade de um infallivel, prescrevem do alto da cathedra o que elles julgam ser a verdadeira sciencia. É o systema usado em toda a disciplina escolar que tem como expressão mais bestificante a sebenta, onde um estudante que pouco ou nada sabe de assumptos, escarrapacha, como conclusões ultimas da sciencia, aquillo que pouco antes ouviu dizer ao seu professor.

Nós bem sabemos que melhor seria que o estudante fizesse obra por si, apresentando e defendendo com toda a liberdade a sua opinião. Mas póde-se exigir isto a espiritos novos, a rapazes, n'uma palavra?

Fizeram-no ou fazem-no os srs. Fausto e Braga? Não.

O sr. Fausto não se revolta contra a doutrina do lente; pelo contrario quer reproduzil-a tão fielmente, que, quando a não conhece ou não vae á aula ou pede dispensa, ou sendo chamado, olha mais para a sebenta do que para a cara do lente.

O sr. Braga tambem nos não consta que tenha repontado, com as doutrinas do lente, de certo porque, "na aula o seu espirito incondicionalmente se ajusta ao pensar que vem d'alto" (pag. 10).

* * *

Finalmente porque não fizeram o que dizem a pag. 6, que faz "tudo o que resta de sympathico e bom n'esta nacionalidade extincta..... que não vem ahi, caminho abaixo na aventura, a agachar-se na capa".

Porque não fizeram como "os raros que ahi chegam com a alma em folha..... despertando do somnambolismo da crença.... e fugindo da vida"?

Se julgam a academia baixa, servil, hypocrita e imbecil, rasguem as capas, sacudam o pó dos seus sapatos e deixem de lhe pertencer. Só então poderiam ter o direito de censurar senão ser coherentes com as suas opiniões.

PRESUMPÇÃO E AGUA...

A vaidade mostra-se sempre com uma cara altiva e farçante.

Até ás vezes se encontra nos grandes talentos e por isso não admira que Fausto e C.ª manifestassem que, só meia duzia d'almas raras, entre as quaes elles estão, soubessem apreciar Vianna da Motta.

É que só elles são artistas, é que só elles são uns luminares nos conhecimentos humanos. "O mais tudo são mulheres estupidas e homens alarves.„ Umas e outros que lhe agradeçam.

Os elogios feitos a Vianna da Motta merecem os nossos applausos mais calorosos, porque o grande artista sabe fazer vibrar nos corações de todos a nota mais lyrica do sentimento. Mas não somos nós que lhe fazemos estes elogios; não é Fausto nem Braga e quejandos que estão na altura de o ajuizar; nem mesmo Vianna da Motta precisa dos elogios dos srs. insultantes, pois o seu nome de artista é uma celebridade, como o têm mostrado os melhores apreciadores da Europa.

Portanto que os srs. Fausto e Braga se estasiem perante Vianna da Motta não nos admira; o que nos repugna é a vaidade louca com que se affirma que se não fossem elles, meia duzia d'almas raras, Vianna da Motta teria sahido de Coimbra sem uma manifestação de verdadeiro enthusiasmo.

APRECIAÇÃO FINAL

Os *Insultos* não tiram aos seus auctores do grupo da imbecilidade anonyma senão para os collocar no grupo dos imbecis, tidos e havidos como taes; e hão de concordar que mais vale estar no primeiro que de brilhar no segundo.

INDICE

Minerva Central, Coimbra